# Genealogia e Arqueologia [i] - 20/12/2018

“Portanto, os dois pontos propostos para essa discussão sobre o estatuto da  
diferença e da síntese correspondem ao \_pressuposto genealógico da diferença\_  
, identificado por meio de uma analítica, e ao \_universo metodológico da  
arqueologia\_ , que transpõe a síntese para a esfera discursiva de uma  
“gramática casual”” (p. 256, grifo nosso).  
  
   
  
Comecemos do fim, a partir da citação acima, porque queremos fazer um pequeno  
recorte desse breve, porém denso, ensaio. Há um procedimento em Foucault,  
inicial, de olhar a história analiticamente, como sucessão temporal de fatos e  
eventos, chamado de genealogia[ii]. Segundo Monica, esse procedimento  
assemelha-se à \_associação\_ de Hume, através da qual a experiência é a base do  
entendimento humano na medida em que há uma série de eventos que vão se  
correlacionando e formando uma experiência complexa. Abstratamente, mas  
temporalmente, uma maçã é a soma da cor, sabor, cheiro, forma, etc.  
  
Isso posto, entretanto, não há em Hume um sujeito unificador dessa  
experiência. A associação começa pela experiência do sujeito (analítica) capaz  
de distinguir ideias partindo em direção a uma síntese dessa experiência,  
porém não arbitrária ou necessária, mas que é realizada pela mente de forma  
imediata e, mais do que isso, temporal e que tende a regular as próximas  
experiências.  
  
Porém, voltando à citação inicial e a Foucault, Monica argumenta que, depois  
que Foucault “difere” pequenos eventos históricos (assim como a mente, em  
Hume, difere as ideias na imaginação), em certo momento um grande período  
histórico se sintetiza no método arqueológico[iii]. Essa união, claramente,  
deixa de ser um processo analítico para buscar uma episteme de época que,  
segundo Monica, se baseia em um “a priori” de possibilidade no sentido  
kantiano comprometendo a diferença da genealogia. Foucault está entre a  
possibilidade de uma história contingente[iv] e sua tendência a um possível  
irracionalismo e lança mão do expediente kantiano para vislumbrar uma história  
possível em contraparte à história concreta da genealogia.  
  
Daí que, se Hume e Foucault se valem de um expediente analítico baseado na  
diferença, a síntese em Hume se dá a posteriori pelo caminho percorrido pela  
analítica ao passo que Foucault retoma Kant, o que “significa recobrir a  
diferença com uma síntese que não é da ordem da temporalidade e da  
experiência, como em Hume, mas da ordem de um “a priori histórico” discursivo”  
(p. 256). Isso comprova que a história da filosofia não é progressiva e  
evolutiva e que Hume pode estar à frente de Foucault, em alguns aspectos.  
Resta a questão de saber se seria possível uma história puramente contingente  
e ainda racional, sem lançar mão de qualquer expediente kantiano, ou seja, que  
inclua um sujeito no comando.  
  
   
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
[i] \_Ensaios de Filosofia em homenagem a Carlos Alberto R. de Moura\_. Débora  
Cristina Morato Pinto, Luiz Damon Santos Moutinho, Marcus Sacrini, Monica  
Loyola Stival (Orgs.). Curitiba: Editora UFPR, 2015. \_Diferença e Síntese em  
Hume e Foucault\_ – Monica Loyola Stival.  
  
[ii] Genealogia é o mapa das ligações biológicas entre diferentes indivíduos e  
gerações. Como ciência, é uma auxiliar da história, estudando a origem,  
evolução e dispersão das famílias e respectivos sobrenomes ou apelidos. Cf.:  
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Genealogia>, visitado em 20/12/18.  
  
[iii] Arqueologia é a ciência que estuda as culturas e os modos de vida das  
diferentes sociedades humanas - do passado e presente - a partir da análise de  
vestígios materiais. (...) A ciência arqueológica pode envolver trabalhos de  
prospecção e escavação (...) para assim traçar os comportamentos da sociedade  
que as produziu. Cf.: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueologia>, visitado em  
20/12/18.  
  
[iv] Foucault recorre ao expediente de olhar cada evento nominalmente em si  
evitando o uso de universais que normatizariam a narrativa.